

SERGIO BUARQUE DE HOLANDA

# DEPOIS DA QUEDA, A DECADÊNCIA DO CAFÉ E A INDUSTRIALIZAÇÃO

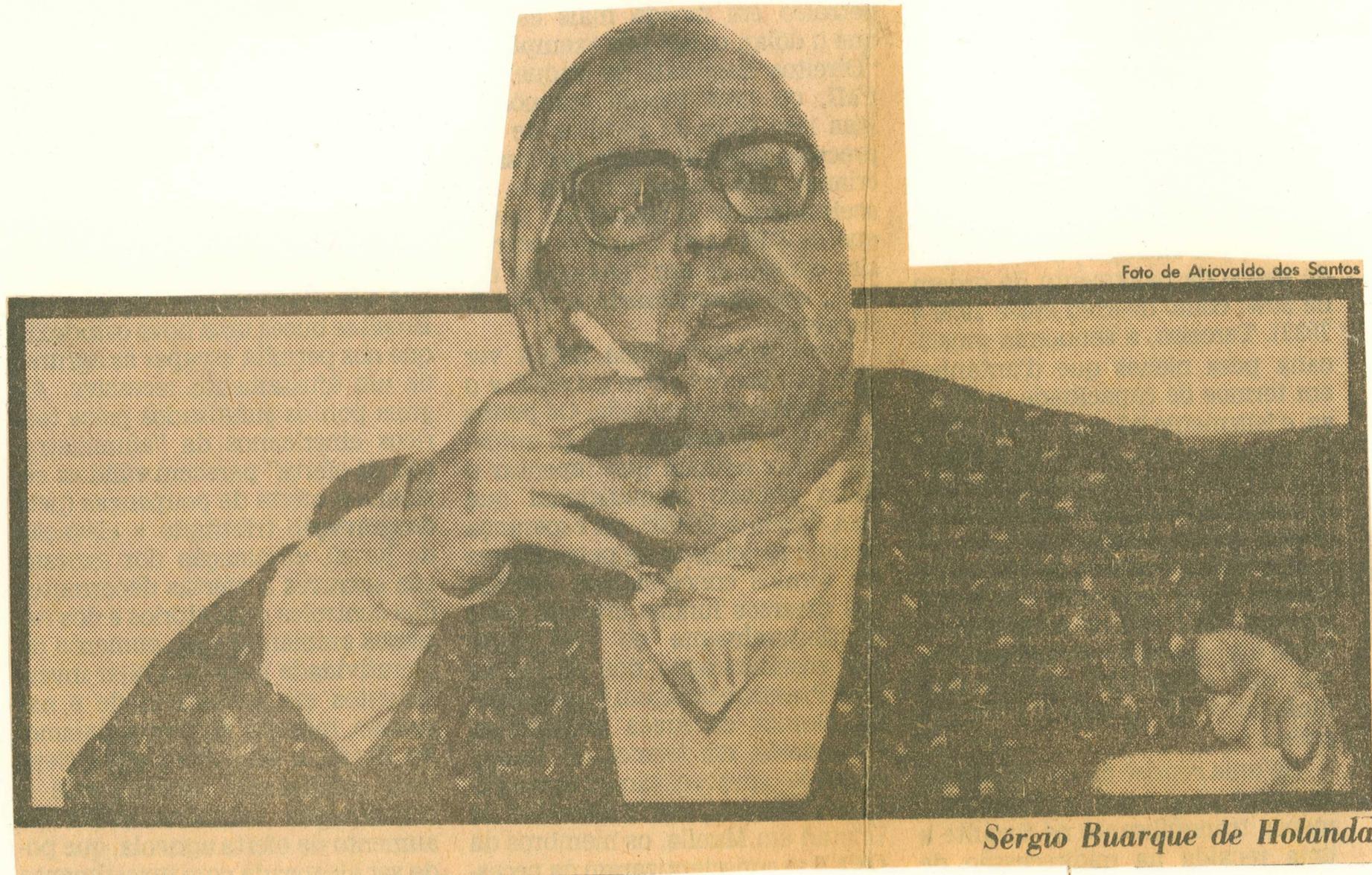


Foto de Arioaldo dos Santos

Sérgio Buarque de Holanda

## Entrevista a José Nêumane Pinto

**A**S duas principais conseqüências do crack (ele prefere usar outra palavra inglesa, *crash*) da Bolsa de Nova Iorque, no dia 29 de outubro de 1929, no Brasil foram a inviabilização da política financeira do Presidente Washington Luís e o declínio da lavoura cafeeira na economia brasileira. Esses são dois afluentes importantes que desembocaram na Revolução de 1930, realizada quase exatamente um ano depois da catástrofe norte-americana, no dia 24 de outubro.

Em sua antiga e espaçosa casa no Pacaembu, em São Paulo, o historiador Sérgio Buarque de Holanda adverte que não é a maior autoridade para falar das conseqüências do *crash* da Bolsa de Nova Iorque no Brasil, por não ser especialista em economia e, particularmente, em finanças, e porque não estava precisamente na ocasião do acontecimento vivendo no Brasil. Viveu de 1929 a 1931 na Alemanha, onde acompanhou aquilo que considera outro subproduto do crack, que foi o crescimento vertiginoso do nazismo de Adolf Hitler, mas se arrisca a falar sobre o caso brasileiro, "porque as conseqüências, ao contrário das previsões mais otimistas, se reproduziram muitos anos depois de 1929, repercutindo praticamente durante toda a década de 30, pelo menos".

Quando a Bolsa nova-iorquina quebrou, o hoje respeitável historiador paulista era um jovem de 20 e poucos anos. Mas já naquela época, deu para perceber que "os efeitos da crise não atingiram a economia de apenas um país do mundo, a União Soviética.

Todos os países ocidentais, regidos pelo capitalismo, foram atingidos em cheio pelo desastre. A situação chegou ao ponto de a Inglaterra ter quebrado seu tradicional padrão-ouro, coisa até então inédita. Ninguém sabia, contudo, a extensão e as conseqüências do desastre, como ninguém tinha sido capaz de prevê-lo. Aliás, Hoover garantia estarem os Estados Unidos muito bem e serem normalmente cíclicas as depressões registradas até então, assim, ele continuava pregando o "milagre norte-americano da prosperidade e da riqueza".

No Brasil, então a capacidade de previsão era mínima lembra Sérgio Buarque de Holanda "O Ministério da Fazenda não era exercido por técnicos, nem se sonhava com os tecnocratas de

hoje em dia. Eram, então, banqueiros preocupados apenas com seus próprios bancos ou, como foi o caso de Getúlio Vargas e depois do próprio Oswaldo Aranha, advogados e políticos que nada entendiam de finanças", diz o historiador.

Sérgio Buarque de Holanda conheceu pessoalmente o Presidente Washington Luís, na época em que o deposedo na Revolução de 1930 voltava ao Brasil, anistiado, e ele mesmo dirigia o Museu Paulista. Washington Luís Pereira de Sousa tinha veleidades de historiador e, por isso, procurou o jovem museólogo para discutir algumas teorias sobre roteiros de bandeiras paulistas em direção aos sertões. As conversas eram animadas na casa de um ou na de outro, distantes dois quarteirões na rua, então residencial, Haddock Lobo, no Jardim América. Mas giravam em torno das atas mandadas publicar pelo político da velha república ou nas dissensões entre os dois sobre a questão da penetração dos sertões paulistas pelas bandeiras. Raramente a Revolução dos Tenentes entrava na conversa, pois o velho estadista se emocionava demais e procurava então demonstrar profundo desprezo pela arte da política. Mesmo assim, o historiador conseguiu obter do amigo tardio pistas para a compreensão de sua queda.

Hoje, 33 anos depois do encontro inicial com o velho Presidente, o historiador está seguro de que o crack da Bolsa de Nova Iorque contribuiu de forma decisiva para o desenlace dos acontecimentos de 1930, da mesma forma como já acreditava que tinha sido um grande alimentador para o movimento mobilizador de massa dos nazistas alemães. Não que os revolucionários acreditassem nisso. O Professor Sérgio Buarque de Holanda conta que, certa vez, em Santos, Getúlio Vargas recebeu um correligionário entusiasmado com a quebra da Bolsa nova-iorquina e logo tratou de apagar aquele fogo, argumentando que a catástrofe das finanças norte-americanas não apunhalava, como pensava o amigo, de forma definitiva o coração da primeira república.

Na verdade, foi um erro de avaliação, segundo o historiador paulista. A partir de seu conhecimento de documentos e das longas conversas com Washington Luís, ele chegou à conclusão de que o velho Presidente baseava seu Governo em dois pilares: A construção de estradas de rodagem ("governar é construir estradas", ele havia dito certa vez, cunhando um slogan logo tornado famoso) e a implantação de um plano de estabilização da moeda num padrão baixo (1 mil-réis deveria ser cotado à base de 5 pence). Segundo Buarque de Holanda, Washington Luís pensava no modelo francês que tornou Poincaré o "salvador nacional" e seu plano, teoricamente, era perfeito, desde que o Brasil contasse com uma estrutura econô-

mica sólida como a francesa e que não houvesse o *crash* de 29 de outubro de 1929.

Meio século depois do *crash*, o historiador Sérgio Buarque de Holanda logicamente não se arrisca a fazer uma profecia retrospectiva, tentando ver como se comportaria a economia brasileira se não tivesse havido a quebra da Bolsa nos Estados Unidos. No entanto, ele está seguro de que, caso não houvesse acontecido o desastre, por ele mesmo definido como um "furação mal avaliado", a República Velha ofereceria aos jovens tenentes e às oligarquias rurais de Minas, do Rio Grande do Sul e da Paraíba uma muito maior resistência. "Certamente Washington Luís não seria derrubado. Se a República Velha acabasse, isso aconteceria depois de seu Governo. Afinal, depois do quadriênio duro de Arthur Bernardes, ele era um Presidente popular, personagem de músicas cantadas pelo povo e tido como violonista, farrista e alegre, apesar de decidido. Washington Luís era um homem popular e, apesar do crack, garantia não haver entregue o país aos revolucionários de 30 com o alegado déficit de balança comercial na época" relembra.

O historiador, de pijama e chinelos, cobrindo-se com um robe, conta que Washington Luís tinha duas verdadeiras fixações: negava a intervenção na Paraíba depois da morte de João Pessoa, e, ainda com mais veemência, não admitia o decantado déficit de caixa, na verdade, segundo sua versão, uma forma achada pelos revolucionários para explicar o desvio de dinheiro para o pagamento das dívidas do movimento vencedor. Em relação ao déficit, por exemplo, o ex-Presidente chegou a contestar o célebre financista inglês Sir Otto Niemeyer, trazido pelo Ministro da Fazenda de então, Oswaldo Aranha, para analisar o que causava tantos problemas à economia brasileira, e que ratificou o déficit, mas depois, segundo Washington Luís, reconheceu haver algo de estranho nos números a ele fornecidos pelos revolucionários de 30 no Poder.

O historiador avaliza a tese de seu colega mais jovem Boris Fausto, negando ser a Revolução de 30 um movimento revolucionário de industriais contra a predominância política das elites rurais. "Na verdade, a indústria era então muito tênue economicamente para influir politicamente e havia mais industriais no lado dos republicanos do que no lado dos democratas. Houve um remanejamento do Poder nas elites rurais. Apenas isso", diz. Ele também não acha que tenha sido uma briga hegemônica entre os Estados Unidos (apoiando os revolucionários) e a Inglaterra (do lado dos velhos republicanos), inclusive porque os ingleses não reconhecem estado de beligerância dos paulistas de 1932, apesar dos três meses, de combates.

De qualquer maneira, o Professor Sérgio Buarque de Holanda atribui um papel importante ao *crack* da Bolsa de Nova Iorque no processo de geração do setor secundário na economia brasileira. No entanto, esse papel não foi de forma direta, mas indireta, pois, segundo ele, a indústria paulista surgiu naturalmente em decorrência do declínio do café e da plantação em larga escala de algodão e esses dois fenômenos são devidos à catástrofe financeira norte-americana.

Segundo ele, "nos anos 20 houve uma superprodução de café e os quatro estados produtores — São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo — se reuniram e firmaram o Convênio de Taubaté, para uma política de proteção conjunta. Por motivos errados, mas provando depois estar certo na prática, o Presidente de então, Rodrigues Alves, um defensor do liberalismo e do livre-cambismo, ficou contra a política protecionista de elevação artificial dos preços do produto. Mas ele morreu e foi substituído por Afonso Pena, que adotou a política dos fazendeiros de café e ordenou a queima do produto. A elevação dos preços do café brasileiro proporcionou a existência de concorrentes na África e na América e o café produzido no Brasil começou a perder mercado no exterior. Logicamente o desastre finan-

ceiro do maior comprador de café levou a lavoura cafeeira paulista à falência. Os menos dotados venderam suas fazendas e fugiram. Os mais criativos e com mais visão plantaram algodão, aproveitando o fato de os Estados Unidos estarem cedendo lugar no mercado externo (principalmente às indústrias inglesas de fiação), justamente por causa da queda da bolsa de Nova Iorque."

O café propiciou a abertura industrial, segundo Sérgio Buarque de Holanda, por suas características especiais. "O homem da cana-de-açúcar se fechava em seu domínio e lá era atendido em tudo. O plantador de café vivia na cidade e só ia à fazenda nos períodos em que sua presença lá era requisitada. Por isso, as escolas universitárias de São Paulo sempre tiveram seus calendários dependentes dos períodos de *três-afas* do café. O cafeicultor tornou-se então um homem urbano, um industrial em potencial.

Além disso, o café, para substituir a mão-de-obra escrava, importou italianos, principalmente, e europeus em geral. Esses foram fatores importantes na modificação do perfil econômico de São Paulo da predominância do setor primário para o setor secundário, da transformação industrial", lembra.

O Brasil, destaca ele, era um país extremamente vulnerável à queda do Bolsa de Nova Iorque, por ter o país uma economia eminentemente agrícola e, portanto, dependente das flutuações do mercado internacional do café. O azar de Washington Luís foi ter acontecido o *crash*, quando ele mesmo poderia acontecer, justamente quando tentava implantar sua reforma financeira. Além disso, os cafeicultores não estavam satisfeitos com o último Presidente da Primeira República, que não lhes foi tão favorável, segundo o Professor Sérgio Buarque de Holanda, como seria, depois, o próprio Getúlio Vargas, que retomaria a política dos anos 20, autorizando queima de excedentes de café, para forçar a elevação artificial dos preços do produto no exterior. "Mas o café nunca recuperou sua condição anterior tanto na economia brasileira quanto em termos proporcionais no mercado internacional. Em São Paulo, houve sua substituição, como já disse, em consequência do *crash* também ou mesmo principalmente, por algodão e laranja. E a conquista do Paraná não foi suficiente para fazer com que o produto retomasse a importância dos velhos e bons tempos".

José Neumann Pinto é repórter da Sucursal do JORNAL DO BRASIL em São Paulo.